

VOLUME
XXXI BOLETIM DO
N.º 2 ARQUIVO DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

2018

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

• U • C •



MANUEL DE MELO, D. Francisco (aut.), CURADO, Manuel (coord.), FRANCO, José Eduardo (dir.), FIOLEAIS, Carlos (dir.) (2018) – *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa: Primeiro Tratado de Cabala – Tratado da Ciência Cabala ou Notícia da Arte Cabalística*. Lisboa: Círculo de Leitores, 189 pp.

Por JOSÉ VIEIRA LEITÃO
Doutorando na Universidade de Coimbra
jose.cv.leitao@gmail.com

A coleção *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, editada pelo Círculo de Leitores, ambiciona colmatar uma variedade de pontos obscuros da história da produção literária Portuguesa. Um tal propósito acarreta um imediato e extraordinário desafio multidisciplinar devido à ampla variedade de obras e tópicos abordados nesta coleção de trinta volumes. De um ponto de vista editorial, cada um destes livros apresenta o seu próprio desafio único. Cada um é necessariamente um projeto singular no qual se procura um exercício de exposição especializada para assim se evitem análises históricas anacrónicas e oferecer uma compreensão da especificidade e valor pioneiro das obras em questão. Desta perspetiva, uma das mais curiosas obras presentes nesta coleção, e que potencialmente coloca um dos maiores desafios de interpretação e contextualização, é, sem dúvida, o *Tratado da Ciência Cabala* de D. Francisco Manuel de Melo, de 1724, denominado o 'Primeiro Tratado de Cabala' e publicado com a coordenação de Manuel Curado.

Como é óbvio, o objetivo da corrente recensão não é o de analisar o livro de D. Francisco ele próprio, mas antes a introdução a esta obra, da responsabilidade do coordenador, e a adequação desta para a compreensão do *Tratado da Ciência Cabala*, assim como os seus critérios de transcrição e tradução.

Manuel Curado foi uma escolha interessante para a coordenação deste volume. Sendo filósofo por formação e atividade, possui um conjunto particular de áreas de especialização que o colocam numa posição privilegiada para a abordagem a tópicos com a declarada complexidade da mística e espiritualidade heterodoxa. Antes sequer do estudo da cabala em si, conceptualizar esta disciplina no conjunto da história do pensamento ocidental

é um exercício complexo com várias soluções possíveis. A interseção de especialidades como a história das ideias, história da ciência (e em particular o estudo de individualidades excepcionais portuguesas), teoria cognitiva e dinâmica da crença em Deus perante a ciência, colocam Curado numa posição de relevo para a escrita de um texto que se esperaria incisivo, coerente e compreensivo sobre este tópico.

Seguindo a abordagem de Manuel Curado na introdução, esta divide-se em duas partes. A primeira, inserindo a cabala na mais ampla categoria de ocultismo, pretende explorar e delinear uma visão ampla do fenómeno ocultista, tanto de uma forma global como na especificidade do contexto português. Partindo para o detalhe, a segunda parte da introdução, tem como objetivo a apresentação da obra *Tratado da Ciência Cabala* e do seu autor. Estas duas partes, por sua vez, subdividem-se em várias curtas secções de encadeamento lógico e estrutura coerente. Haverá todavia que se apontar que o objetivo individual de algumas destas secções, em particular na primeira parte da introdução, não é de todo claro, e algumas assemelham-se a simples coletâneas de informação díspar sobre ocultismo e de relação meramente circunstancial à obra em questão.

Abrindo o seu texto com uma abordagem geral ao ocultismo, são aqui evidenciadas as várias dificuldades metodológicas e conceptuais deste tópico. Destas considerações, Curado apresenta o ocultismo como uma forma de conhecimento não progressivo em essência, em que os seus padrões não são dados a evolução, sendo desta forma colocado como um contraponto ao desenvolvimento científico.

Das abordagens gerais, Curado parte para o caso particular do ocultismo português. Esta apresentação inicia-se por uma revisão dos próprios vocábulos 'oculto' e 'ocultismo' nos vários dicionários modernos portugueses, introduzindo alguma da metodologia contemporânea para o estudo deste tópico como conceptualizado por Wouter Hanegraaff nas suas contribuições para o *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*. Embora não de todo exaustiva, esta secção é notável por uma proveitosa apresentação gradual da literatura portuguesa possível de ser encaixada nesta categoria, e uma revisão dos vários estudos académicos sobre o tópico. Em particular, Curado debruça-se sobre frei Gil de Santarém com o objetivo de tecer um arquétipo para o ocultismo português, focando também Gil Vicente e as obras de Isaac de Sequeira Samuda e Cavaleiro de Oliveira.

Partindo das considerações da primeira parte da sua introdução, Curado abre a segunda procurando indagar as motivações e circunstâncias da escrita

por D. Francisco de uma obra, não cabalista em si, mas sim sobre cabala. Num esforço claro de contextualização do *Tratado*, Curado oferece uma visão das aparentes contradições no próprio propósito desta obra ao longo das suas várias edições até à contemporaneidade. É também exposta uma meritória lista de interpretações e críticas feitas ao *Tratado* por académicos contemporâneos.

Voltando ao autor, esta parte da introdução prossegue com a contextualização do *Tratado* como parte do amplo plano editorial de D. Francisco, de onde Curado avança com uma meditação sobre o valor desta obra no tempo corrente. À laia de conclusão, fica aqui proposta uma valorização da cabala e deste *Tratado* como objetos de meditação histórica para um presente excessivamente e redutivamente racional.

Olhando a escrita de Curado, em termos de forma, esta deverá ser notada como fluida e eficiente, embora por vezes as suas argumentações passem por excessivamente personalistas, sendo esta uma escolha que, frequentemente, esbate a linha entre a apresentação objetiva de argumentos e observações e a sua opinião pessoal sobre os mesmos. Tais instâncias, embora potencialmente relegáveis para uma mera questão de método ou preferência estética, por vezes tornam a leitura da introdução um desafio de destrinçamento intelectual que, para um leitor crítico, frequentemente quebra a leitura.

Em termos de crítica a conteúdo, há que se sublinhar que a segunda parte da introdução ao *Tratado da Ciência Cabala* demonstra uma muito maior familiaridade do coordenador da edição em relação aos tópicos expostos. Curado é um conhecedor e apreciador de D. Francisco e da sua obra, demonstrando uma clara erudição em todos os pontos que toca. No entanto, tal não poderá ser dito da restante primeira parte da introdução. Infelizmente, esta é uma inesperada demonstração de anacronismos históricos e clara falta de conhecimento de base em relação ao tópico concreto do livro de D. Francisco.

Analisando todo o discurso e argumentação de Curado, a raiz dos vários problemas do seu texto aparenta estar numa sobreposição de falhas metodológicas e de nomenclatura. Estes, quando expostos, revelam uma sistemática fonte de leituras e definições erróneas e anacrónicas que se repercutem em todo o seu discurso, minando os seus pontos e argumentos e obscurecendo por completo o significado da obra que pretende apresentar.

Na abertura da introdução, a escolha e uso do termo 'ocultismo' como categoria debaixo da qual a cabala possa ser colocada é o primeiro e mais

imediatamente ponto de contestação. O problema 'externo' desta seleção é que 'ocultismo' não possuiu uma definição académica contemporânea que seja funcional e possa ser usada neste contexto particular, e com o propósito que Curado lhe quer dar.

'Ocultismo', relacionado com disciplinas mágicas e heterodoxas, é um termo e um conceito específico do século XIX, associado ao chamado Revivalismo Mágico e popularizado por organizações como a Sociedade Teosófica ou a Hermetic Order of the Golden Dawn. Consequentemente, 'ocultismo' não é um termo académico com a conotação que Curado lhe deseja atribuir, é sim uma palavra que designa um objeto histórico específico e concreto no século XIX e XX.

Esta não existência de significado académico para o termo 'ocultismo' como categoria geral aparenta ser reconhecida pelo próprio Curado na sua dificuldade em encontrar uma definição para este termo em qualquer dicionário Português anterior ao fim do século XIX (p. 20-21). No entanto, este reconhecimento nunca é assumido como um real obstáculo, e Curado assume o seu uso sem realmente meditar sobre a sua adequação. Assim sendo, o uso desta categoria para a compreensão do *Tratado* é um anacronismo histórico. Abrir a introdução a uma obra escrita no século XVII e publicada no século XVIII com uma tentativa de explicação de um termo que designa ideias e práticas concretas do século XIX é o pronúncio de sérios problemas metodológicos, porque, historicamente falando, cabala não é ocultismo; é antes um conjunto particular de técnicas e práticas integrantes da religião judaica de carácter esotérico – algo que alguém que se propõe apresentar um texto sobre o tema deveria saber.

Na realidade, parece que a categoria a que Curado se pretendia referir seria precisamente a de 'esoterismo'. Este, em termos correntes, designa uma disciplina de estudo académico frequentemente associado à área da história das religiões e ideias. A aparente rejeição deste termo por Curado é confusa, pois na introdução, cita-se com relativa relevância o já mencionado Wouter Hanegraaff, um notável investigador da conceptualização do estudo de movimentos intelectuais e religiosos heterodoxos rejeitados pela sociedade ocidental. Mas mais confuso que tudo, na sua busca por uma definição funcional de 'ocultismo', Hanegraaff é inclusive citado por Curado na sua contribuição para o já referido *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*, em particular no verbete 'Occult/Occultism' (de onde Curado faz alguns decalques diretos). Analisando esta definição, ela é extraída por Curado como 'um balde de lixo intelectual cheio de

restos', algo que Curado aparenta rejeitar como uma potencial 'injustiça' (p. 21).

De facto, tal definição é oferecida por Hanegraaff no verbete indicado, no entanto, o que parece ser ignorado por Curado, é que esta definição de ocultismo dada por Hanegraaff não é sua, mas sim a definição popularizada por autores como Colin Wilson, referido imediatamente antes no texto citado. Isto significa que Hanegraaff, ao dar esta definição, não está a criticar ou a avaliar o ocultismo como categoria ou prática, está sim a evidenciar os modos culturais que a definiram como 'lixo intelectual'. Uma leitura mais atenta de Hanegraaff constataria que este contrariou tal categorização e, de um modo geral, propõe o reconhecimento do 'lixo intelectual' da cultura ocidental como legítimas expressões intelectuais e religiosas que urgem estudo especializado e sensível.

O que talvez ajudasse Curado a evitar os anacronismos que comete seria a leitura do primeiro parágrafo deste mesmo verbete que cita, onde é explicado que '[e]mbora os vários termos e expressões baseados no Latim "occultus" ("escondido, secreto", vindo de *occulere*, "cobrir, esconder, ocultar") tendam a ser usados indiscriminadamente e comumente confundidos no falar comum, estes são reflexões de um desenvolvimento histórico a vários estádios que se referem a coisas diferentes. É particularmente importante distinguir entre o adjetivo original "oculto", e o substantivo "ocultismo" que fez a sua primeira aparência no século XIX'¹.

Ainda que grave, esta escolha de categorias e o uso frívolo de palavras de significado complexo por Curado, poderia ser ainda declarada como uma mera predileção nomenclatural sem consequências de maior. Tal, ainda que criticável, seria compreensível. No entanto, esta escolha, no desenvolvimento dos seus argumentos, resulta em constantes projeções e leituras problemáticas do seu objeto de estudo que não poderão ser tão facilmente ignoradas. O exemplo mais grave destas está no facto de Curado utilizar o seu 'ocultismo' como um modo de conhecimento exclusivo e distinto do de Ciência e Religião (p. 16). Esta é uma visão derivada da clássica divisão de conhecimento da tríade Magia-Religião-Ciência, utilizada por investigadores

¹ 'Although the various terms and expressions based upon the latin "occultus" ("hidden, secret", from *occulere*, "to cover over, hide, conceal") tend to be used indiscriminately and are often confused in common parlance, they are the reflection of a historical development in the various stages of which they refer to different things. It is of particular importance to distinguish between the original adjective "occult", and the substantive "occultism" that made its first appearance in the 19th century,' em HANEGRAAFF, 2006: 884. (tradução do autor)

como James Frazer, Émile Durkheim e Bronisław Malinowski, em que Curado, de uma forma linear, substitui Magia por ocultismo.

Esta divisão é problemática, pois todas estas categorias são construções académicas ocidentais emergentes nos finais dos séculos XVI e XVII, associadas à Pós-Reforma e Iluminismo, não tendo real aplicabilidade universal. Estas são categorias circunstanciais e etnocêntricas da cultura ocidental e académica, ou, nas palavras de Hanegraaff, conceitos dependentes de 'ideologias modernas normativas e de implícitas afirmações hegemónicas da superioridade ocidental alicerçadas em mentalidades missionárias e colonialistas (...) servindo de justificação "científica" para a conversão de superstições ignorantes para as verdades superiores do cristianismo, Iluminismo, e ciência'². Isto por si próprio traria já uma enorme carga tendenciosa a qualquer discurso que Curado pudesse esperar construir alicerçado nesta pressuposição, mas o facto de substituir a categoria de Magia por ocultismo, e de ter construído esta sua categoria recorrendo a observações vagas e simplistas, além de incorporar definições (mal interpretadas) específicas do século XIX, gera mais um nível de leituras dúbias. Resulta assim que conceptualizações completamente contemporâneas são elevadas a um nível essencialista e projetadas sobre todas as práticas que este inclui debaixo da sua categoria de 'ocultismo' como um conceito não historicizável e de fácil (ainda que ambígua) apreensão, independentemente de contexto, época ou cultura. Significa isto que nenhuma das suas discutidas 'disciplinas ocultistas' é alguma vez definida e abordada na sua particularidade, e os desenvolvimentos intelectuais e históricos que lhes deram origem são tidos como inexistentes ou irrelevantes.

Isto poderá estar por detrás da relativa frequência com que Curado se refere a 'todas as disciplinas relacionadas de algum modo com o oculto' (p. 13) ou 'todos os praticantes das artes ocultas' (p. 38), como se estes fossem algo opaco, homogéneo, constante e universal a todos os povos, épocas e todas as suas disciplinas. Isto significa que as suas 'disciplinas ocultistas' (em que se inclui a cabala) são assumidas como manifestações circunstanciais e de distinção irrelevante do mesmo conjunto de pressupostos, crenças e modos de pensar que caracterizam este imaginário 'ocultismo'

² 'its thorough dependence on normative modernist ideologies and implicit hegemonic claims of Western superiority rooted in missionary and colonialist mentalities (...) served as "scientific" justification for converting non-European peoples from benighted superstition to the superior truths of Christianity, Enlightenment, and science,' em HANEGRAAFF, 2012: 166-167. (tradução do autor)

universal, e que todas estas ambicionam os mesmos fins pelos mesmos meios. Tal ideia apenas poderá advir de algum desprezo pela complexidade do tópico em questão.

O que mais grave emerge daqui para o caso vertente é que esta posição de igual modo significa que a cabala nunca chega a ser discutida, seja de uma perspectiva histórica, teológica ou filosófica. Tal é deveras estranho na introdução a um livro chamado *Tratado da Ciência Cabala*.

Seguindo o que parece ser a lógica de Curado, o que fica implícito é que cabala, sendo uma disciplina ocultista, não necessita de explicação ou apresentação pormenorizada e contextualizante, pois todas as disciplinas ocultistas são, em essência, o mesmo. Assim, basta definir ocultismo (ainda que sem sucesso) para que qualquer explicação crítica e detalhada da cabala fique dispensada. O leitor é assim deixado na confusão dos floreios e deambulações ambíguas e anacrônicas de Curado no seu esforço infrutífero para apreender e definir algo que claramente não domina. E isto não pela inerente elusividade metafísica do tópico (ainda que ele se esforce por fazer o leitor acreditar que sim), mas sim porque o autor não se muniu das ferramentas intelectuais certas para o dominar.

Se, em vez de todo este extenso e inútil exercício, Curado se tivesse dedicado a oferecer alguma forma de explicação histórica sobre o desenvolvimento da cabala, então uma possível e coerente compressão do significado do *Tratado* poderia ter sido oferecida ao leitor, e esta introdução poderia fazer o que lhe compete: introduzir o *Tratado da Ciência Cabala*. Numa ordem lógica bastaria referir a emergência desta disciplina religiosa na Idade Média, os seus textos fundacionais como o *Zohar* ou o *Sefer Yetzirah* (de onde D. Francisco retira um capítulo inteiro), as suas divisões em categorias extáticas e proféticas ou intelectuais e exegéticas (de fácil concretização com recurso aos estudos de Gershom Scholem, Moshe Idel ou muitos outros), a apreensão desta por intelectuais cristãos como Ramon Llull, Pico della Mirandola ou Johann Reuchlin (fontes citadas por D. Francisco) e, finalmente, a criação da cabala cristã onde D. Francisco se coloca.

O não seguimento de um modelo de apresentação lógico, explicando e explicitando a evolução da cabala judaica para a cristã, acaba por dificultar leitura e compreensão do propósito último da obra de D. Francisco. Ainda que construído sobre a cabala cristã de Llull, Reuchlin e Mirandola, o objetivo subjacente ao *Tratado* é também a correção desta numa cabala ortodoxamente católica em que, nas suas palavras, 'nos adiantamos aos mais que

desta ciência nos deram premissas³, sendo exposta de acordo com o *De Incantationibus seu Ensalms* de Manuel do Vale de Moura⁴. O *Tratado* não é unicamente uma expressão de ‘curiosidade’ e ‘zelo’, como apresentado por Curado (p. 56), é sim uma ambiciosa apresentação de uma nova cabala católica, o que o coloca como parte de um muito mais amplo diálogo internacional. Como a introdução está construída, a verdadeira apreciação do esforço e pensamento de D. Francisco e o seu real pioneirismo, nacional e internacional, são deixados obscurecidos, não pela sua intrínseca dificuldade, mas sim por uma análise e introdução deficientes que acabam por realizar o contrário do seu objetivo.

Para além destes, inúmeros outros pontos críticos poderiam ser realçados. Desde a leitura ligeira que Curado faz dos textos que apresenta e cita, a falta de conhecimento profundo da história da literatura mágica portuguesa (os *grimoires* lusitanos que afirma não se conhecerem (p. 56) mas que uma simples busca no catálogo da Biblioteca Nacional ou da Torre do Tombo certamente lhes revelará) ou às simplificações socio e etnocêntricas das suas imaginárias ‘disciplinas ocultistas’.

Por fim, será relevante dizer que, no que toca à transcrição do *Tratado*, da responsabilidade de Aida Sampaio Lemos, embora esta seja largamente positiva, com a adição de numerosas notas de rodapé oferecendo a tradução de todo o Latim usado por D. Francisco com as suas respetivas fontes, há também aqui uma notória falta de familiaridade com os termos específicos e técnicos da cabala. Palavras como *Merkabah*, *Temurah* ou *Sefirot* por certo que também mereciam atualização ortográfica e nota de rodapé.

Em conclusão, estou certo de que Manuel Curado é um excelente profissional na sua área de especialização, mas nesta – nesta específica em que este académico se propôs escrever um texto incisivo para a compreensão de uma obra histórica da mais fundamental importância para o estudo do esoterismo em Portugal – ele é perturbadoramente amador. Embora apresente um vasto rol de habilitações e especializações que potencialmente lhe dariam uma visão ampla, flexível, sensível e informada para a apresentação desta obra, a recusa deste autor em abandonar a sua área de conforto e se comprometer com um estudo crítico e real desta obra única no seu contexto e conteúdo resulta num pobríssimo exercício de argumentações fúteis que arruinam a possibilidade de finalmente ser feita justiça ao *Tratado*. As críticas

³ MANUEL DE MELO, 2018: 97.

⁴ MANUEL DE MELO, 2018: 103.

que Curado faz a académicos como Manuel Augusto Rodrigues, Pinharanda Gomes e muitos outros sobre as suas leituras desadequada do *Tratado* (p. 61-64), ainda que justas, não são nada comparadas com as que lhe é possível tecer à vista da análise e apresentação francamente medíocre que nos oferece aqui.

Tudo isto ensombreia esta coleção do Círculo de Leitores. Embora os seus objetivos possam ser compreendidos como do mais alto valor para a consciencialização da história da produção literária portuguesa, este livro é um exemplo do discutível critério da sua direção na seleção da coordenação para os diversos volumes. Apenas podemos esperar que este seja um caso pontual.

Bibliografia

HANEGRAAFF, Wouter J. (2012) – *Esotericism and the Academy: Rejected Knowledge in Western Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.

HANEGRAAFF, Wouter J. (2006) – Occult/Occultism. In HANEGRAAFF, Wouter J. (ed.) *Dictionary of Gnosis & Western Esotericism*. Leida/Boston: Brill, pp. 884-889.